

FACULDADE JK DE TECNOLOGIA
UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS-BRASIL
UNAT-BRASIL
POS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

**A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DA CRIANÇA AUTISTA – UM
BREVE DIÁLOGO ENTRE JACQUES LACAN E ERIC BERNE**

Orientadora: Eda Lúcia Pereira Pálva

DANIELA BRODWOLF

Uberlândia – MG

2013

CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DA CRIANÇA AUTISTA – UM BREVE DIÁLOGO ENTRE JACQUES LACAN E ERIC BERNE

DANIELA BRODWOLF

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DA CRIANÇA AUTISTA – UM BREVE DIÁLOGO ENTRE JACQUES LACAN E ERIC BERNE

Resumo:

No presente trabalho, a questão em foco é a formação da subjetividade da criança autista. O objetivo deste artigo foi a busca de um novo olhar sobre a construção da subjetividade da criança autista a partir do diálogo entre Jacques Lacan e Eric Berne. A partir disso, foi possível compreender a construção da subjetividade da criança autista sob a perspectiva da análise transacional, bem como a importância da análise transacional na formação da subjetividade da criança autista.

Palavras-chave: Formação da subjetividade

Artigo de conclusão de curso apresentado à Faculdade JK de Tecnologia e à União Nacional de Analistas Transacionais-Brasil, como requisito parcial do curso de Pós-Graduação em Análise Transacional, para obtenção do título de Especialista em Análise Transacional.

Abstract:

In the present work, the focus question is the formation of subjectivity of the autistic child. The aim of this article was to search for a new approach to the construction of the subjectivity of the autistic child, from the dialogue between Jacques Lacan and Eric Berne. The vision of approaches allowed me to understand that we must put our eyes around the figure of the mother as the main element in the construction of autism. These approaches showed me evidence that may be present in the intersubjective formation of subjectivity, but at the same time indicate that the construction of these elements in the formation of autism is still poorly understood.

Keywords: Subjectivity formation, subjectivity, Transactional Analysis, human psychology

Uberlândia – MG

2013

Introdução

A construção da subjetividade da criança autista é um tema que vem sendo discutido por muitos autores. Desde os anos 1940, a análise transacional tem sido utilizada para compreender a formação da subjetividade da criança autista. A análise transacional é uma abordagem psicológica que busca compreender a formação da subjetividade da criança autista a partir do diálogo entre o indivíduo e o outro.

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DA CRIANÇA AUTISTA – UM BREVE DIÁLOGO ENTRE JACQUES LACAN E ERIC BERNE

Daniela Brodwolf

Faculdade JK de Tecnologia

UNAT-BRASIL – União Nacional de Analistas Transacionais

brdannyy83@gmail.com

Resumo

No presente trabalho, a questão em foco é a formação da subjetividade da criança autista. O objetivo deste artigo foi a busca de um novo olhar acerca da constituição da subjetividade da criança autista, a partir do confronto das posições teóricas de Jacques Lacan e Eric Berne. O confronto das abordagens permite compreender que devemos colocar nossos olhos muito além da figura da mãe como principal elemento na constituição do autismo. As abordagens mostram elementos que podem estar presentes na formação inadequada da subjetividade, mas ao mesmo tempo sinalizam que a combinação entre estes elementos, na formação do autismo, ainda é pouco compreendida.

Palavras- Chave: Autismo infantil, subjetividade, Análise Transacional, psicanálise lacaniana.

Abstract

In the present work, the focus question is the formation of subjectivity of the autistic child. The aim of this article was to search for a new approach on the constitution of the subjectivity of the autistic child, from the confrontation of theories from Jacques Lacan and Eric Berne. The clash of approaches allowed me to understand that we must put our eyes beyond the figure of the mother as the main element in the constitution of autism. These approaches showed me elements that may be present in the inadequate formation of subjectivity, but at the same time indicate that the combination of these elements in the formation of autism is still poorly understood.

Keywords: Infantile autism, subjectivity, Transactional Analysis, lacanian psychoanalysis.

Introdução

A literatura acerca do universo da criança autista nos coloca diante de uma variedade de pontos de vista, posições e considerações. Temos visto como os conceitos relativos a esta síndrome têm sido revistos com frequência. Vislumbramos, portanto, um vasto caminho a ser percorrido pelos pesquisadores tanto do campo médico, como do campo psicológico.

Diferentes profissionais se dedicam a melhor compreender o autismo: os pesquisadores da área médica buscam identificar os elementos orgânicos implicados no estabelecimento e manutenção da síndrome; os psicólogos cognitivistas focalizam o funcionamento mental; os educadores estudam as relações familiares como elemento determinante na vida da criança autista (AMY, 2002).

O certo é que a criança portadora desta síndrome apresenta dificuldade de relacionamento com outras pessoas, dificuldade de aprendizado, atrasos na linguagem, raiva excessiva, resistência a mudanças, perceptível hiperatividade ou extrema inatividade, resistência ao contato físico, dentre outras características.

Em minha pesquisa de final de graduação em Psicologia, pude me acerrar de alguns conceitos psicanalíticos lacanianos sobre a subjetividade da pessoa autista e, agora, na especialização em Análise Transacional, senti-me instigada a relacionar as posições lacanianas com as de Eric Berne.

Este artigo, portanto, tem como objetivo a busca de um novo olhar acerca da constituição da subjetividade da criança autista, a partir do confronto das posições teóricas de Jacques Lacan e Eric Berne.

Autismo Infantil

O termo “Autismo” foi utilizado pela primeira vez por Plouller, em 1906, para designar uma característica de pacientes com demência precoce. Os estudos sobre o Autismo seguiram várias vertentes, apresentando divergências tanto no quadro clínico e etiologia, quanto nas denominações. O Autismo foi denominado, assim, como Esquizofrenia infantil, Psicose simbiótica, Psicose da criança e Pseudo-retardo (STEFAN, 1991).

Logo em seguida, em 1943, Kanner, utilizou o termo “Autismo infantil precoce” para designar um distúrbio que se caracterizava pela incapacidade inata de constituir uma relação afetiva e para responder aos estímulos do meio, apresentando quadros de isolamento, obsessividade, estereotípias, ecolalias, nenhuma linguagem, recusa de comida, acometendo, em geral, crianças originárias de famílias intelectualmente dotadas (PARAVIDINI, 2002). Kanner destaca também a permanência de duas características principais neste quadro: o isolamento autístico e a necessidade de imutabilidade (STEFAN, 1991).

Kanner (1943) percebeu, em seus estudos, que as crianças possuíam diferenças individuais nos graus de seus distúrbios, tanto relativas – como elas se apresentam entre seus

familiares –, quanto em relação ao modo como evoluem no decorrer dos anos. A maior queixa apresentada foi a incapacidade de a criança estabelecer relações “normais” com pessoas e situações desde o início de suas vidas. A priori, ocorre um fechamento autístico extremo, o qual, sempre que possível, faz com que a criança negligencie, ignore ou recuse tudo o que vem do exterior.

Kanner (1943) chegou a considerar como possível causa etiopatogênica da síndrome autística a dinâmica das relações entre pais e crianças autísticas, porém, mais tarde, redirecionou sua pesquisa para os aspectos biológicos e genéticos.

De acordo com o DSM-IV (2002), o “Transtorno Autista é caracterizado por um desenvolvimento comprometido, ou acentuadamente anormal, em suas relações sociais, prejuízo na comunicação e um repertório muito restrito de atividades e interesses. As manifestações do transtorno variam imensamente, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica do indivíduo”. Em outra definição encontrada na CID-10 (2000) sobre Autismo infantil, este é entendido como um Transtorno Global do Desenvolvimento, caracterizado por “um desenvolvimento anormal ou alterado, manifestado antes da idade de três anos; apresentando uma perturbação característica do funcionamento em cada um dos três domínios seguintes: interações sociais, comunicação, comportamento focalizado e repetitivo. Além disso, o transtorno se acompanha comumente de numerosas outras manifestações inespecíficas, por exemplo: fobias, perturbações de sono ou da alimentação, crises de birra ou agressividade (auto-agressividade)”.

Para Paravidini (2002) três elementos merecem destaque na observação destas crianças pelo fato de constituírem a base de sustentação da identidade do sujeito: o olhar, o corpo e a palavra. O autor descreve o olhar como constitutivo do desejo e da imagem do corpo pela criança, sendo o primeiro passo para instaurar o “Estádio do Espelho”. O fracasso neste contato pode não produzir o Autismo, mas certamente resultará num processo psicopatológico complicado para a criança. A falta do olhar dos pais (o reconhecimento) desencadeará no bebê a ciência de um corpo não investido libidinalmente. A falha residiria na primeira forma de contato: o olhar aliado a um corpo desprovido do desejo do outro inviabiliza a forma mais complexa e subjetiva de comunicação que se faz através da palavra.

Construção da Subjetividade

Para iniciarmos uma reflexão sobre as possíveis causas que podem tornar as crianças autistas, temos que inicialmente pensar como se dá a formação da subjetividade no ser

humano, sabendo-se que esta, na visão Jacques Lacan, é ausente no autista. Segundo Lacan (1958), a formação da identidade se dá entre os seis e os dezoito meses de idade, quando a criança encontra e reconhece a sua imagem no espelho. Considera-se esta fase como um primeiro esboço do que será o “Eu” do indivíduo. De acordo com Benvenuto e Kennedey (1986), o bebê, antes do “Estádio do Espelho” – seis meses a dezoito meses –, não se vê como um corpo unificado, mas se sente como um corpo fragmentado.

A relação mãe e bebê, para este mesmo autor, constitui o primeiro vínculo amoroso, o primeiro “Outro” inesquecível, no qual a criança é moldada pelos desejos maternos e instaura suas primeiras percepções desse corpo, através do olhar e da voz. Tais elementos permitem uma assimilação desta imagem no que se refere à regulação da imagem do corpo real – o corpo enquanto carne. Sendo assim, a criança, quando vê sua imagem no espelho, reage com alegria, buscando o olhar de quem a sustenta, no caso, a mãe (LACAN, 1958).

Para que a criança possa se constituir enquanto sujeito, afirma Lacan (1969-70), cabe à mãe traduzir em palavras as ações reflexas do bebê: a mãe supõe no choro, por exemplo, um pedido e o interpreta – Será frio? Será fome? – tratando-se aí de uma suposição, já que o bebê ainda não foi constituído enquanto sujeito. Porém, tal constituição depende de que ela seja inicialmente antecipada: quando a mãe não se predispõe a decifrar as demandas de seu filho, eximindo-se do contato, as condições para o surgimento do bebê enquanto sujeito ficam comprometidas.

A este processo de formação do psiquismo Lacan (1958) deu o nome de Alienação. Esta é operada pela função materna e consiste no investimento libidinal da mãe em relação ao seu bebê; para tanto, são necessários tempo, cuidados e contato afetivo, provocando a *erogenização*¹ do corpo da criança (LACAN, 1957-1958).

Esta primeira operação de constituição do sujeito psíquico pode ser abortada por uma infinidade de fatores que se articulam tanto do lado do Outro/mãe, quanto do lado da criança.

A etapa seguinte na formação da subjetividade acontece quando o bebê perde o objeto do seu desejo – mãe/seio – e verifica que ele não faz parte do seu corpo. Este processo é posterior à Alienação e é denominado Separação. Esta acontece quando o desejo do Outro/mãe se orienta também para fora de sua relação com a criança, ou seja, há um terceiro elemento em cena: o pai simbólico. Aqui está em jogo a castração simbólica que implica a

¹ *Erogenização* refere-se à função da mãe, que possui desejo e através do toque no corpo do bebê o erogeniza.

retirada da criança da posição de objeto de desejo do Outro/mãe e tem por efeito a inscrição do significante *Nome-do-Pai* no Inconsciente – pai real –, terminologia utilizada por Lacan para denominar a inscrição do pai na relação com a criança. Este significante organiza a relação do sujeito com o Outro/mãe, com o sexual e com o real. Assim, a função paterna é de recortar o sujeito do Outro/mãe, permitindo a presença do pai na relação com a criança (LACAN, 1957-1958).

Na psicose, como a castração simbólica não tem lugar devido à questão edípica do Outro, relação somente inscrita mãe e filho, o psicótico permanece na posição de objeto, em uma relação sem mediação com o desejo do Outro/mãe que, não regulado pelo *Nome-do-Pai*, ou seja, pela inscrição do pai na relação, aparece a este como um gozo desmedido que tem por objeto seu ser, a criança. Portanto, na psicose, a criança fica vinculada aos desejos da mãe, já que o pai não está inscrito nesta relação. Assim a criança “toma” o lugar do pai, como homem da mãe (LACAN, 1955-56).

Nesta abordagem, portanto, o autismo é compreendido como uma impossibilidade de a criança entrar no campo da Alienação ao desejo do Outro/mãe, pois o Outro, não estando lá, não pode investir libidinalmente a criança.

Em uma leitura de tais manifestações clínicas a partir da teoria lacaniana, podemos perceber que estes sinais dizem respeito a impasses no laço com o Outro e podem ser identificados em três grandes domínios: o olhar, o corpo e a palavra. Todas as dificuldades encontradas nestas áreas demonstram como um impasse no laço com o Outro, ou seja, na Educação Primordial, podem obstaculizar o processo de estruturação psíquica na criança (JERUSALINSKY, 1993).

A Análise Transacional é um método psicológico criado em 1958 pelo psiquiatra Eric Berne. Sua teoria é também uma filosofia de vida, proporcionando ao indivíduo a tomada de consciência, o autoconhecimento e a mudança. A Análise Transacional propõe compreender o comportamento das pessoas em sua variabilidade e complexidade. Aborda a personalidade humana como um sistema biopsicossocial aberto e dinâmico (BERNE, 1981). Este autor diz que a socialização primária da pessoa se dá a partir dos contatos com “o Outro”: primeiro os pais, e depois as demais pessoas do entorno da criança. Antes de a criança falar já está colocada em um mundo de palavras e linguagens, e é neste contexto que se espera que a criança constitua a sua subjetividade.

A criança, quando nasce, começa a registrar as mensagens que vêm das figuras paternas e demais pessoas do seu meio. Estes registros são feitos pelo Estado de Ego Criança. Berne

(1988) chama estas mensagens de Injunções, Permissões e Atribuições. As permissões são condutoras de um desenvolvimento saudável. As injunções, desqualificações das emoções expressas, são prescritoras dos *Scripts*.

De acordo com Eric Berne, o “*Script* é um plano de vida, formado na primeira infância sob pressão parental. É a força psicológica que impulsiona a pessoa em direção ao seu destino, independente da luta contra ele ou da afirmação de que é sua livre e própria vontade” (BERNE, 1988: 42).

A programação do *Script* inicia-se durante o período de amamentação, na forma de esboços breves que poderão ser elaborados mais tarde em enredos complexos. De acordo com este mesmo autor, a criança nasce livre de impressões e logo nos dois primeiros anos de vida ela sofrerá uma reprogramação através de seu convívio com a mãe ou substituto. É essa programação que estruturará, dará a base de seu *Script*, “o esboço primal”, focado, inicialmente, no engolir e ser engolido e, depois, quando nascem os dentes, no lacerar ou ser lacerado. Esta configuração poderá ser observada mesmo no quarto do bebê, ficando claro quem está no controle, se a mãe ou o bebê. Isso poderá ser revertido com o tempo, mas as ressonâncias da situação original ainda poderão permanecer. Poucas são as pessoas que se recordam desse período que, de muitas maneiras, é o mais importante e, por essa razão, terá que ser reconstruído com o auxílio dos pais, parentes, babás e pediatras, por meio de conjecturas sobre sonhos e, talvez, pelo álbum de fotografias de família (BERNE, 1988).

O *Script* pode ser definido também pelo conjunto de decisões que a criança toma entre os seus três a seis anos de idade, sendo determinada por uma transmissão química através dos *gens*, resultante das experiências de seus descendentes, a concepção – expectativas que os pais têm sobre o futuro filho –, circunstância do nascimento – parto natural ou cesárea –, dano durante o nascimento, ordem do nascimento, nomes e sobrenomes e formação dos pais – se estes sofreram privação física ou emocional severa durante a infância. Quando os *gens* causam atraso mental, deformação física ou morte precoce por câncer ou diabetes, o indivíduo terá poucas chances de tomar suas próprias decisões ou de realizá-las e completá-las. Portanto, a direção da vida da criança será determinada pela herança, o que poderá dificultar ou impedir a oportunidade de seus filhos realizarem o *Script* ou, até mesmo, de formarem um *Script* (BERNE, 1988).

Por meio das interações que a criança vivencia, esta já possui algumas percepções a seu próprio respeito e a respeito dos outros à sua volta, especialmente seus pais. Estas percepções têm grandes chances de permanecer para o resto de sua vida e podem ser

resumidas da seguinte forma: eu estou ok ou eu não estou ok, você está ok ou você não está ok. Assim, cada pessoa decide na primeira infância como viverá e como morrerá. A maneira como a pessoa se comporta em seu dia a dia pode ser decidida pela razão, mas as decisões importantes já foram tomadas, tais como: que tipo de pessoa se casará, quantos filhos terá, como morrerá e quem estará presente nesta ocasião. Poderá não ser o que deseja, mas é o que se espera que aconteça (BERNE, 1988).

Berne completa a ideia para a formação da subjetividade em crianças, ao abordar a constituição de uma imagem primal que se refere a uma relação objetal infantil, isto é, do uso da função de uma zona erógena para a expressão social. Estas são representações pré-simbólicas de transações interpessoais, cujo estudo leva diretamente a certas áreas importantes da psicopatologia. Estas imagens, dotadas de uma qualidade especial, podem ser consideradas como representações claras e indiretas das bases psicofisiológicas da expressão social de outra pessoa (BERNE, 1977).

A formação da imagem primal ocorre na primeira e na segunda infância, através das percepções do bebê por meio de sensações sinestésicas e conteúdos emocionais primitivos. O mundo é percebido de acordo com os instintos, como uma possível fonte de satisfação ou como uma possível ameaça, considerando que algumas imagens que os bebês constituem estejam enormemente ligadas a um imediatismo e urgência que nenhum adulto normal jamais sente. Desse modo, a compreensão que o bebê faz é baseada nos vários aspectos de interesse próprio, em comunicações implícitas e não em comunicações explícitas (BERNE, 1977). “Uma imagem é formada ao integrar o sensório e outras impressões umas com as outras e com as tensões internas baseadas nas necessidades atuais e nas experiências passadas” (BERNE, 1977: 65).

O julgamento primal ocorre a partir de tais imagens e sugere a compreensão – correta ou incorreta – de certas atitudes inconscientes e arcaicas de outras pessoas. Pode ser definida também como “uma imagem de realidade que afeta o comportamento e os sentimentos em relação à realidade”. Em um adulto normal, nem a imagem primal nem o julgamento primal tornam-se conscientes. Em vez disso, pode tornar-se consciente o que Berne chama de Intuição. As representações que um adulto normal pode acessar são resquícios destas representações arcaicas, como a catexia primal há muito diluída e retraída para que se torne consciente, fazendo com que raramente se torne consciente. Portanto, os julgamentos primais são filtrados através de determinantes culturais, levando-os a emergir de uma forma civilizada. O bebê, ao crescer, aprende a ordenar estes julgamentos primais e adaptá-los em

uma estrutura cultural, tornando obscura a sua suposta consciência, referente a julgamentos feitos de coisas e pessoas (BERNE, 1977).

No entanto, entre adultos que sofrem de alguma desordem psicopatológica, como no caso de esquizofrenia, esta interpretação culturalmente determinada por respostas e percepções arcaicas latentes não se aplica, pois o indivíduo torna-se alheio às questões culturais, como um bebê. Sua maneira de compreender as pessoas, na forma como se apresentam, é baseada em julgamentos primais incivilizados e diretos. Somando-se aos seus outros problemas em lidar com as pessoas, torna-se difícil para ele funcionar em sociedade (BERNE, 1977).

Neste caso, ou em condições limítrofes, como as neuroses, as imagens ocorrem de forma especial, patogênicas e altamente catexizadas, como relíquias arcaicas da infância que não passaram pelo processo normal de adaptação, contenção. Algumas – ou todas – pessoas normais também têm um estoque de tais imagens primais baseadas em experiências infantis, porém nesse caso elas já foram descatexizadas, dominadas e eficazmente assimiladas (BERNE, 1977).

Aproximações e distanciamentos entre as duas posições teóricas

O primeiro aspecto em comum que pude observar entre estes dois autores, Jacques Lacan e Eric Berne, foi a importância de se analisar a dinâmica entre pais e filhos na formação da subjetividade humana.

Para tanto, Lacan afirma que “a base de sustentação da identidade do sujeito é constituída através do olhar, o corpo e a palavra”. Berne cita que a “formação da imagem primal ocorre na primeira e segunda infância, através das percepções do bebê por meio de sensações cinestésicas e conteúdos emocionais primitivos”. O que pude compreender é que ambos os autores concordam sobre a importância do contato físico, visual, auditivo, formas de contato que Berne conceituou como Carícias. Estas podem ser definidas como unidades de reconhecimento global, que podem ser dadas através do olhar – visual –, toque – cinestésico–, fala – auditivo, fisionômico e gestual. Na ausência do contato, preferem-se as formas negativas, em vez da indiferença. Estudos já mostraram que a Economia de Carícias poderá afetar de forma significativa a saúde psíquica dos seres humanos (BERNE, 1988). Portanto, no meu entender, o vínculo materno é um componente fundamental para a sobrevivência humana, contribuindo na formação da subjetividade do bebê através do contato íntimo e

afetivo, propiciando que este Ser possa se autoafirmar no mundo e estabelecer relações “normais”.

Outra questão em que estes autores se aproximam refere-se à influência parental na formação do *Script*, que ocorre desde a amamentação, quando a mãe, de maneira implícita, já esboça suas primeiras impressões e expectativas em relação ao bebê e este, por sua vez, as absorve e incorpora em sua identidade. Lacan reitera esse ponto de vista quando retrata que cabe à mãe investir libidinalmente na constituição no laço com o Outro, presumindo as ações reflexas de seu bebê – Será fome? Será frio? . Dessa maneira, fica subentendido que, de acordo como as relações que os pais – ou substitutos – têm com seus bebês, isto poderá prejudicá-los, ocasionando uma falha na configuração da subjetividade, ou incentivá-los a se sentirem bem vindos ao mundo, a estabelecer vínculos afetivos saudáveis e conseguir o convívio social.

Lacan, ao falar do desenvolvimento da psicose, diz que “a criança fica vinculada aos desejos da mãe, já que o pai não está inscrito nesta relação”, ou seja, a criança torna-se psicótica, pois permanece na posição de objeto da mãe, já que esta não orienta o seu desejo para fora desta relação, no caso para a figura paterna. Esta definição me remete ao conceito de Simbiose, da Análise Transacional, retratada como “uma condição normal no estágio oral de desenvolvimento da criança, vivida por ambos, mãe e filho, como o fundir ou compartilhar de suas necessidades. Assim sendo, trata-se de uma necessidade que garante a sobrevivência da criança até que ela tenha condições de tornar-se independente como indivíduo capaz de resolver seus próprios problemas” (SCHIFF, 1971: 30). Já na Simbiose patológica, não existe uma ruptura nesta relação, que ocorreria por volta dos quatro, cinco anos de idade; isto dificulta a diferenciação entre a criança e a mãe, ocasionando prejuízo na formação da individualidade na criança, fazendo com que os pais superprotejam seus filhos, não permitindo que resolvam seus próprios problemas e se tornem independentes.

O aspecto em que estes dois autores divergem é o que se refere a como as falhas na constituição da subjetividade ocorrem. Lacan define o Autismo como uma “impossibilidade de a criança entrar no campo da Alienação ao desejo do Outro – mãe –, pois o Outro não está lá, não pode investir libidinalmente a criança”, ou seja, a origem provável é externa, oriunda da disponibilidade ou não da mãe. Berne, por sua vez, atribui a ocorrência da falha à construção da subjetividade, quando conceitua a imagem primal, a qual é de ordem patogênica e que advém de um excesso de catexia energia – psíquica –, em que as relíquias arcaicas da infância não passam pelo processo normal de adaptação cultural e social, e por

isso não são contidas e facilmente acessadas. Isso poderia contribuir para dificuldades de socialização, surgimento de neuroses, situações limítrofes e outras desordens psicopatológicas. Porém, Berne se aproxima de Lacan nesta questão, quando conceitua o *Script* de vida que a criança faz sob pressão parental, ou seja, tendo início através da relação que constitui com a mãe. Lacan, também se refere à constituição do laço afetivo com o Outro – mãe – como o primeiro outro inesquecível, o qual instaura suas primeiras marcas simbólicas na criança. Qualquer falha nesta configuração, de acordo com este autor, não configura o Autismo, mas poderá trazer prejuízos à criança.

Outro aspecto divergente reside ainda no conceito de *Script*, quando Berne assinala a importância de se analisar quais eram as expectativas dos pais em relação à criança, como elementos que interferem na formação de sua identidade. No entanto, Lacan em seus pressupostos, nada menciona a respeito.

E, por fim, Eric Berne cita que, quando a criança faz o Julgamento Primal, este pode ser correto ou incorreto diante da realidade manifesta, sendo emitido de acordo como a criança sente tal estímulo e não sendo somente de responsabilidade da mãe. Então, o que pude compreender é que, quando ocorre a falha na formação, não necessariamente a responsabilidade é exclusivamente da mãe, pois esta pode estar “investindo libinalmente a criança” e ela – a criança – não se sentir assim. Jacques Lacan, em sua abordagem sobre este assunto, menciona como de responsabilidade da mãe tal prejuízo.

Considerações Finais

Compreender as crianças com Síndrome Autística não é uma tarefa fácil, a começar pelo fato de esta patologia estar pautada na análise da organização mental da criança e ser caracterizada por uma ausência do sujeito, em que qualquer fato ou experiência psíquica não se encontram registrados no campo da subjetividade; sabe-se, todavia, que esta síndrome está associada a um Transtorno Global do Desenvolvimento.

Ao empreender, neste estudo, a tarefa de confrontar as posições de dois grandes autores acerca da falha na formação da subjetividade da criança autista, reconheci a riqueza do confronto conceitual-teórico. Como em um caleidoscópio de ideias, são as diferenças, semelhanças e contrastes das abordagens que oferecem tal riqueza.

O confronto das abordagens permitiu-me compreender que devemos colocar nossos olhos muito além da figura da mãe como principal elemento na constituição do autismo. As abordagens mostram alguns elementos que podem estar presentes na formação inadequada da

subjetividade do autista, mas ao mesmo tempo sinalizam que a combinação entre estes elementos ainda é pouco compreendida.

Neste estudo não me propus a buscar a verdade, mas sim a organizar ideias que pudessem me proporcionar uma visão mais abrangente do fenômeno em questão. Ao final, deixo ao leitor a minha percepção de que, muito mais do que responsabilizar alguém pela falha na constituição da subjetividade da criança autista, devemos caminhar, incansavelmente, em busca de saber como esses elementos se combinam para promover o jeito autista de estar no mundo.

_____. *Metodo diagnóstico e tratamento de transtorno bipolar*. Porto Alegre: ABP, 2002.

_____. *Atividade Psíquica e Atividade na Infância*. Uma Questão de Linguagem. *Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, nº 9. Porto Alegre: Univer Officina, 1995.

_____. *Autismo: desenvolvimento e alterações variáveis*. *Revista Clínica*, n. 2, pp. 117-130, 1993.

_____. *Laços*. (1989-70) *O Simbolizador*. Livro 17: o sistema de projeção. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.

_____. (1997-1998). *O Simbolizador* - Livro 5: as funções do simbolizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. (1993-96). *O Simbolizador* - Livro 1: o sistema. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *ORGANIZAÇÃO MENTAL DA SAÚDE*. Classificação e Transmissão Mental e de Responsabilidade do CID-10. Dados de Clínica e Prática Diagnóstica. Porto Alegre, Acta Médica, 2001.

_____. *Paralelos*. com Leo-Linha e Camille e o diagnóstico precoce de distúrbios de nível de linguagem infantil. *Trabalho de Conclusão*. Campinas: Unicamp, 2002.

_____. *Paralelos*. com Leo-Linha e Camille. *Trabalho de Conclusão*. Tag. (1) Janeiro 1972. *Práticas de Clin. Brava*. UNST - BRAGA, 2005.

_____. *Paralelos*. com Leo-Linha e Camille. *Trabalho de Conclusão*. Tag. (2) Janeiro 1972. *Práticas de Clin. Brava*. UNST - BRAGA, 2005.

_____. *Paralelos*. com Leo-Linha e Camille. *Trabalho de Conclusão*. Tag. (3) Janeiro 1972. *Práticas de Clin. Brava*. UNST - BRAGA, 2005.

_____. *Paralelos*. com Leo-Linha e Camille. *Trabalho de Conclusão*. Tag. (4) Janeiro 1972. *Práticas de Clin. Brava*. UNST - BRAGA, 2005.

_____. *Paralelos*. com Leo-Linha e Camille. *Trabalho de Conclusão*. Tag. (5) Janeiro 1972. *Práticas de Clin. Brava*. UNST - BRAGA, 2005.

_____. *Paralelos*. com Leo-Linha e Camille. *Trabalho de Conclusão*. Tag. (6) Janeiro 1972. *Práticas de Clin. Brava*. UNST - BRAGA, 2005.

_____. *Paralelos*. com Leo-Linha e Camille. *Trabalho de Conclusão*. Tag. (7) Janeiro 1972. *Práticas de Clin. Brava*. UNST - BRAGA, 2005.

Referências

- AMY, Marie Dominique. *Enfrentando o autismo: a criança autista, seus pais e a relação terapêutica*. Tradução de Sérgio Tolipan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BERNE, Eric. *O que Você diz Depois de Dizer Olá?* São Paulo: Nobel, 1988.
- _____. *Sexo e Amor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- _____. *Intuição e Estados de Ego*, S. L.: UNAT-Brasil, 1977.
- DSM-IV - *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
- JERUSALINSKY, Alfredo. Psicose e Autismo na Infância. Uma Questão de Linguagem. *Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, nº 9. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1993.
- KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Children*, n. 2, pp. 217-250. 1943.
- LACAN, Jacques. (1969-70) *O Seminário - Livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.
- _____. (1957-1958). *O Seminário - Livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. (1955-56). *O Seminário - Livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- PARAVIDINI, João Luiz Leitão. *A identificação e o diagnóstico precoces de sinais de risco de autismo infantil*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2002.
- SCHIFF, Aaron, Wolfe; SCHIFF, Jacqui, Lee. Passividade. Taj, v.1 Janeiro 1971. *Prêmios de Eric Berne*, UNAT – BRASIL, 2005.
- STEFAN, Denise. Autismo e psicose. In *O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas*. Salvador, BA: Ágalma-Psicanálise, pp. 15-28, 1991.